

Um senhor nem tão esquisito

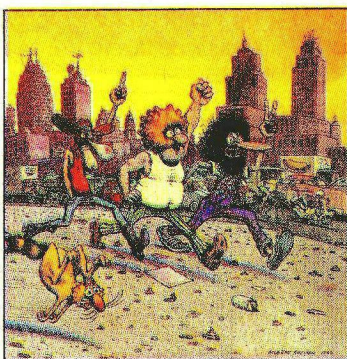
Longe dos delírios hippies, criador dos Freak Brothers fala sobre marco das HQs alternativas

Marcos Tristão

André Miranda

Enviado especial • PARATY

● Num festival literário, é possível confrontar a imagem que se tem de um escritor com a realidade. O americano Gilbert Shelton, por exemplo, é conhecido por ter criado, nos anos 1960, a história em quadrinhos "The Fabulous Furry Freak Brothers", sobre três hippies doidões, maconheiros e meio atrapalhados. Todos esses são elementos que poderiam sugerir a imagem de um autor pelo menos excêntrico. Mas Shelton é um simpático senhor de fala mansa que gosta de lembrar de



histórias do passado e que não se aproxima em nada dos delírios hippies. A realidade, ele diz, é que ninguém chegaria a seus 70 anos sendo doidão como os Freak Brothers. Em entrevista ao GLOBO, numa pousada de Paraty, Shelton — que participará de uma mesa com Robert Crumb, no sábado — disse que não é mais tão fã de quadrinhos e explicou como será o roteiro do filme sobre seus personagens.

O GLOBO: Qual o legado dos quadrinhos underground dos anos 60 para o mercado dos EUA?

GILBERT SHELTON: As coisas que fizemos nos 1960 e 1970 abriram as portas para a livre expressão nos quadrinhos. Nos EUA, a mais importante contribuição dos quadrinhos underground foi quebrar o monopólio dos distribuidores, que eram muito conservadores. Nós criamos um sistema que quebrava esse monopólio. É difícil criar um sistema de distribuição nos EUA ou no Brasil, que são países muito grandes. Mas, se você

pensar em locais menores, cidades ou estados, um cara pode sair no seu caminhão levando quadrinhos para lá e para cá.

● *Algum fato específico o inspirou a criar os Freak Brothers?*

SHELTON: Certa noite, vi dois filmes, um dos Irmãos Marx e outro dos Três Patetas. Eram as mais estúpidas séries de comédias já feitas, e eu as adorava. Disse a mim mesmo que preci-

sava fazer algo do tipo. Então fiz um curta com três personagens, e fiz a primeira tira dos Freak Brothers como publicidade para o filme. Mas todo mundo gostou mais da tira que do filme. Desisti

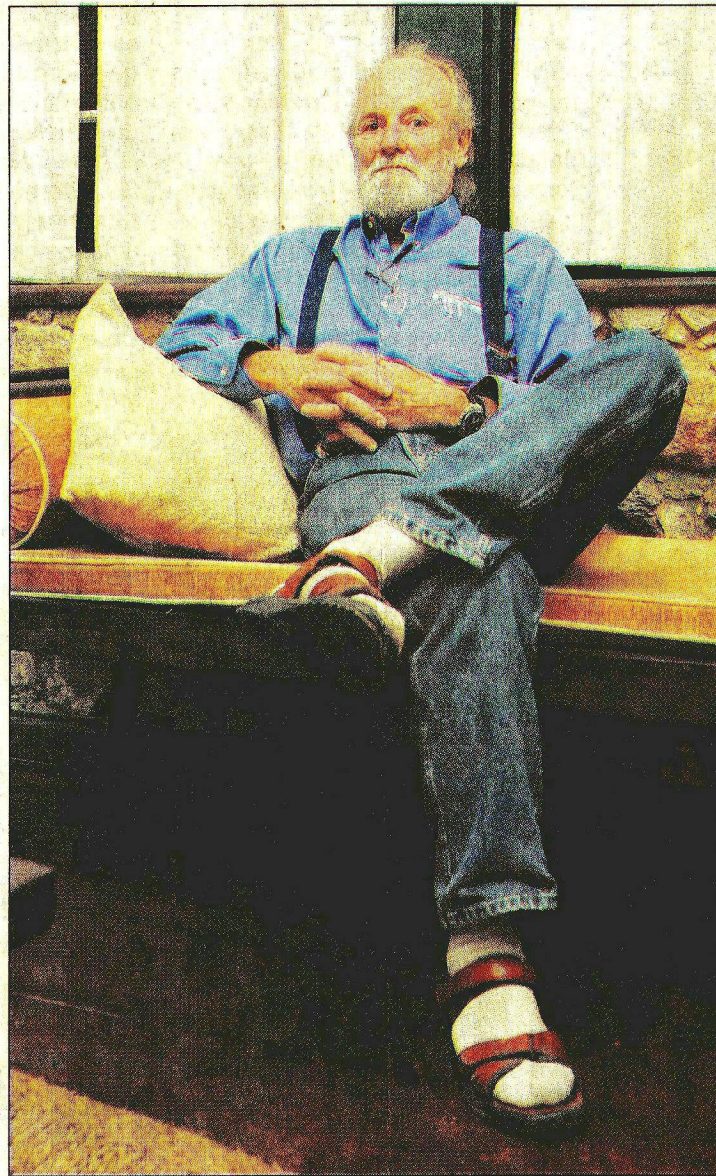
de ser diretor de cinema e continuei fazendo a tira.

● *E o senhor tinha algo em comum com os personagens?*

SHELTON: Ah, havia toda uma atmosfera naquela época. Todos nós fumávamos maconha e coisas do tipo. Só que qualquer um que tentasse viver como os Freak Brothers estaria morto antes de completar 70 anos. A diferença dos personagens era mesmo o humor. Minha principal influência eram as tiras dos jornais nos EUA. Minhas preferidas eram "Mutt & Jeff", de Bud Fisher, "Li'l Abner", de Al Capp, e uma que não deveria ser engraçada, mas era tão estranha que acabava sendo, "Dick Tracy". A tira do Dick Tracy tinha os vilões mais ridículos de todos.

● *O senhor sente saudade daquele tempo?*

SHELTON: Todo mundo tem seu melhor período da vida na adolescência ou nos 20 anos. É quando se consegue aproveitar a vida com mais intensidade. Mas eu não estou infeliz, não fico insatisfeito de ter 70



CRIADOR (acima) e criaturas (à esq.): Três Patetas foram inspiração

anos e ainda estar vivo.

● *Como está o projeto para um filme dos Freak Brothers?*

SHELTON: A produção atual é a oitava a ser tentada. O projeto é da Bolex Brothers, que fica em Bristol, na Inglaterra. Eles querem fazer uma animação em stop-motion, com modelos grandes e sets realistas. O roteiro foi escrito pelo inglês Paul Davis. Eu atuei um pouco como consultor. Nós partimos da história "Grass roots", dos quadrinhos dos Freak Brothers. São os mesmos personagens, mas num tempo contemporâneo. Não é

um lugar específico, mas é um país parecido com os EUA. A trama parte da vontade do governo de entrar no mercado da maconha, controlando geneticamente suas propriedades especiais. No fim, os Freak Brothers salvam o mundo.

● *O senhor se interessa por novos quadrinistas?*

SHELTON: Eu li principalmente os franceses. Dos americanos, gosto do Daniel Clowes, mas ele já deve ser um veterano à esta altura da vida. Eu não sou mais um imenso fã de quadrinhos. Os quadrinhos são mais

simples para jovens. Já para os velhos, um livro funciona melhor. Os jovens gostam de todos aqueles detalhes dos desenhos, eu não consigo mais acompanhar muitos detalhes (risos).

● *E o senhor conhece o trabalho de algum brasileiro?*

SHELTON: Quem é o rapaz que faz a tira "Rock & Hudson"?

● *Adão Iturrugarai.*

SHELTON: Eu o conheci em Paris, ele é muito divertido. Mas não sei dizer outros. São poucos os cartunistas brasileiros traduzidos para o francês.

● *As lojas e os cinemas estão povoados de super-heróis, e todos têm muito marketing. Os quadrinhos underground ainda têm vez nesse meio?*

SHELTON: Os donos de livrarias da França reclamam que são lançados quatro mil novos livros de quadrinhos por ano. Ninguém pode ler todas essas histórias. E as grandes editoras acabam tendo vantagem sobre as pequenas, até pelo atrativo do cinema. Mas também houve filmes sobre os quadrinhos underground. Há documentários sobre o Robert Crumb, há filmes sobre histórias do Daniel Clowes e do Harvey Pekar. Alguns tiveram sucesso, enquanto muitos filmes de super-herói foram um fracasso. Não posso falar muito porque nunca os vi, mas sei que nem tudo fez sucesso. E também nunca li uma história da Marvel. Nunca mesmo. Eu li "Super-Homem", "Batman" e "Capitão Marvel" (todos da DC) quando eu era jovem. Mas, ainda assim, preferia quadrinhos de humor. Gostava do Pato Donald, da Luzinha e do Pogo.

● *Há uma relação entre quadrinhos e literatura?*

SHELTON: São coisas diferentes. Quadrinhos têm uma limitação de espaço, têm que se adaptar a um espaço. Costumo compará-los, pelo espaço, à poesia. Chamo de semiliteratura. ■